

PLANO DE AULA

**FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
DEPARTAMENTO DE INFÂNCIA E JUVENTUDE
SETOR DE PLANEJAMENTO
PLANO DE AULA Nº. 1
CICLO: 1º CICLO DE JUVENTUDE (15 A 17 ANOS)**

**I UNIDADE: DEUS
SUBUNIDADE: DEUS NA VISÃO ESPÍRITA**

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES DO EVANGELIZADOR	ATIVIDADES DO EVANGELIZANDO	TÉCNICAS / RECURSOS
<p>* Conceituar Deus segundo a visão espírita.</p> <p>* Demonstrar por que Deus é um princípio básico do Espiritismo.</p>	<p>* "Deus, em sua essência em si mesmo, é um ser infinitamente puro e perfeito, eterno, imenso, onipotente, causa do Universo, infinitamente bom, sábio, justo e misericordioso; em suma, é o poder, a sabedoria e o amor infinitos concentrados numa individualidade indefinível." (1)</p> <p>* "O Espiritismo ensina, em primeiro lugar, a existência de Deus, motor inicial e único do Universo; nele se resumem todas as perfeições levadas ao infinito. Ele é eterno e todo poderoso." (3)</p> <p>* "A idéia de Deus constitui o núcleo central da filosofia Espírita (...)" (16)</p> <p>* "A idéia de Deus, (...) a nós ofertada pela Doutrina Espírita, é a de Criador (...)" (16)</p>	<p>* Iniciar a aula organizando a classe em círculo e propondo uma atividade de levantamento de idéias. Dar a um aluno uma folha de papel com a questão abaixo pedindo-lhe que escreva o seu conceito de Deus, em seqüência todos os demais escreverão seus conceitos conforme a orientação que se segue:</p> <p style="padding-left: 20px;">- <i>O primeiro aluno escreve, dobra o pedaço do papel com o seu conceito e passa para o seguinte que repete a ação, deixando escondido sob a dobra o que escreveu, e assim por diante, até que todos tenham escrito.</i></p> <p style="text-align: center;"><i>Para mim Deus é?.....</i></p> <p>* Deixar os conceitos dos alunos para serem examinados ao final da aula.</p> <p>* Com base na coluna de conteúdo e nos subsídios para o Evangelizador (Anexo 1), fazer uma expo-</p>	<p>* Organizar-se em círculo para realizar a atividade proposta, escrevendo na papeleta seu conceito de Deus.</p> <p>* Seguir a seqüência determinada e escrever sem olhar o conceito escrito anteriormente.</p> <p>* Aguardar o final das atividades para saber se seu conceito está de acordo com o conteúdo da aula.</p> <p>* Participar da exposição dialogada, respondendo ou fazendo perguntas. Demonstrar interesse</p>	<p>TÉCNICAS</p> <ul style="list-style-type: none"> * Levantamento de idéias. * Exposição participativa. * Trabalho em grupo. <p>RECURSOS</p> <ul style="list-style-type: none"> * Papel ofício, lápis. * Dramatização.

AVALIAÇÃO: A AULA SERÁ CONSIDERADA SATISFATÓRIA SE APÓS A ATIVIDADE DE ELABORAÇÃO E DE ANÁLISE, OS ALUNOS SOUBEREM CONCEITUAR DEUS SEGUNDO A VISÃO ESPÍRITA E COMPREENDEREM A RAZÃO PELA QUAL A EXISTÊNCIA DE DEUS É UM DOS PRINCÍPIOS BÁSICOS DA DOUTRINA ESPÍRITA.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES DO EVANGELIZADOR	ATIVIDADES DO EVANGELIZANDO	TÉCNICAS / RECURSOS
	<p>* "Deus é o Criador Eterno cujos desígnios permanecem insondáveis a nós outros. Pelo seu amor desvelado criam-se todos os seres, por sua sabedoria movem-se os mundos no ilimitado." (14)</p> <p>* (...) Para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vemos (...) Paulo, (I Coríntios, 8:6.)</p>	<p>sição participativa, procurando mostrar como a Doutrina Espírita apresenta Deus em seus ensinamentos. Deixar claro para os alunos que a idéia que o homem faz de Deus, determina o comportamento do próprio homem.</p> <p>* A seguir, dividir a turma em dois grupos e pedir-lhes que leiam e dramatizem o texto do anexo 2, explicando ao final:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como o Espiritismo nos apresenta Deus? • Por que a existência de Deus é um princípio básico do Espiritismo? <p>* Após as apresentações da tarefa já proposta ler os conceitos de Deus elaborados pelos alunos, pedindo que todos analisem os conceitos emitidos individualmente.</p> <p>* Os conceitos que não estiverem corretos, serão refeitos pelo Evangelizador em conjunto com a classe.</p> <p>* Encerrar a aula reforçando a idéia de Deus, como a suprema bondade, sabedoria, amor e justiça, Criador onipotente e fonte perene de graças.</p>	<p>pelo tema em discussão.</p> <p>* Dar exemplos de como a idéia que fazemos de Deus pode influenciar os nossos atos, conduzindo-nos para a evolução espiritual.</p> <p>* Organizar-se em grupos e realizar a tarefa proposta, respondendo com acerto às questões e explicando-as para os demais com clareza.</p> <p>* Ouvir a leitura dos conceitos, escritos na atividade inicial, contribuindo para a reformulação dos que não estiverem corretos.</p> <p>* Participar da conclusão da aula esclarecendo as suas dúvidas e colaborando para que toda a turma compreenda os conceitos discutidos.</p>	

Princípios Básicos da Doutrina Espírita

O Espiritismo é uma doutrina espiritualista, de características próprias, e, como toda doutrina, tem princípios básicos (56), claramente definidos, pelos quais se norteia e nos quais apóia as verdades que proclama. Vejamos quais são.

A — DEUS

“A prova da existência de Deus têmo-la neste axioma: *não há efeito sem causa*. Vemos constantemente uma imensidade de efeitos, cuja causa não está na Humanidade, pois que a Humanidade é impotente para produzi-los, ou, sequer, para os explicar. A causa está acima da Humanidade. É a essa causa que se chama *Deus, Jeová, Alá, Brama, Fo-hi, Grande Espírito, etc.*” — Allan Kardec, em “*Obras Póstumas*”.

A inteligência finita do Homem, para compreender, tem de limitar, restringir, circunscrever, qualificar. Definir é sempre perigoso. Entretanto, procurando entender e aceitar a divindade, o Homem cria atributos para Deus, mas, em verdade, não pode ainda compreendê-lo nem entendê-lo em sua essência e natureza íntima, como advertiram os Espíritos a Kardec (“*O Livro dos Espíritos*”, Q. 10). Todavia, pode respeitá-lo e amá-lo, pode senti-lo no coração, no âmago da alma.

Por isso mesmo, muitos perguntavam se Deus existe, pois a Ciência o nega e o Materialismo o desconhece.

Entretanto, é uma lei científica, a de que não há efeito sem causa, que prova a existência de Deus. De fato, tudo quanto existe e não é obra do Homem, tem de ter uma causa: Deus.

A um pobre beduíno, ignorante, que orava muito a Deus, alguém perguntou como podia acreditar nele.

— “Por suas obras”, disse. E explicou:

— “Você não conhece a origem de uma jóia pelo sinete do joalheiro? Não sabe de quem é uma carta, pela letra do envelope? Não afirma que um camelo e não um cão passou pela estrada, olhando simplesmente o rastro deixado pelo animal? Assim, também, eu sei que Deus existe por suas obras.”

(56) “Há, no corpo da Doutrina, um lastro de conceitos básicos, de caráter definitivo, e a substituição desses conceitos seria a desfiguração radical da Doutrina.” — Deolindo Amorim, in “*Anais*” do Instituto de C. E. do Brasil.

— “Como? Explique melhor.”

— “É muito fácil. As estrelas, no céu, não são obra dos homens, que lá não poderiam tê-las colocado. Logo, só podem ser obra de Deus, e, portanto, ele existe.”

De fato, o mais simples raciocínio nos dirá que, se há o relógio, deve existir o relojoeiro. Portanto, se há Criação, deve haver o Criador. A Ordem Universal não poderia ser um fato, se não houvesse a Mente criadora e organizadora, verdade que Kant definiu:

“como a mais antiga, a mais clara e a mais adaptada à comum razão humana, e, ao mesmo tempo, a mais popular.”

Deus existe, embora, como assinala Heráclito Carneiro (“Espírito e Matéria”, da Editorial Crítica, 1959), cada povo o conceba de um jeito e dentro de cada povo muitos o entendam a seu modo, daí porque na mente do homem ele varia ao infinito.

Cogitando da existência de Deus, diríamos, como La Bruyère, que “a impossibilidade em que me vejo de provar que Deus não existe, prova-me a sua existência”, porque, como dizia Victor Hugo, “Deus teria de existir, pois, do contrário, como nós existiríamos?”.

Não devemos limitar (57) o conceito da divindade a apenas um de seus aspectos, nem atribuir ao Criador as perfeições e imperfeições do Criado. Entretanto, para melhor sentir Deus, nós lhe conferimos certos atributos, a começar pela definição que lhe deram os Espíritos: “Deus é a inteligência suprema e a causa primária de todas as coisas.”

Deus é a inteligência suprema porque, se há ordem no Universo, há necessariamente uma inteligência responsável por ela. O efeito é resultado de uma causa, logo, o efeito inteligente tem uma causa inteligente. A grandeza do Universo, o conjunto harmonioso e sábio das leis eternas mostram uma invulgar inteligência orientando, conduzindo tudo e todas as coisas.

Deus é *infinito e eterno*, pois não teve começo e nem terá fim; é o *Incriado* e o *Absoluto*. Porque suas leis não mudam nunca, nem se revogam, é *imutável*. A temporalidade, onde há mudança e movimento, é incompatível com a *imutabilidade*, eternidade, atributos da perfeição.

(57) “Guardarei para vós os conceitos de tempo, espaço, quantidade, medida, movimento e perfectibilidade. Não procureis medir a Divindade como medis a vós mesmos, por multiplicação e expansão do vosso concebível. E se quiserdes somar ao Infinito todos os vossos superlativos, dizei ao Infinito: Isto ainda não é Deus.” — Pietro Ubaldi, “A Grande Síntese”.

Deus é *imaterial*, isto é, puro Espírito e como tal, ensinava Jesus, dever ser adorado. Forçosamente, é *único*, pois se outro existisse não seria Deus.

É soberanamente *bom* e *justo*, pois é pai e juiz imparcial, não cria o mal, apenas estabelece a lei, cuja transgressão dá sempre lugar ao reajuste. Jamais nega a oportunidade do resgate das faltas, que, todavia, terão de ser pagas, porque, se a sementeira é livre, a colheita é obrigatória.

O filósofo Epicteto já dizia, quando lhe perguntaram que coisa era Deus:

“Se eu o pudesse declarar, ou eu seria Deus ou Deus não o seria.”

Deus (o Incriado) é, nós (a Criação) *somos, existimos*.

Deus existe, diz o Espiritismo, porque consta da Revelação, porque o compreende nossa razão e porque os fatos o comprovam. (58)

Deus está em tudo (imanência) e se manifesta pela Vida e pelo Amor, mas sua Criação não é Ele (transcendência); sendo Deus causa e não efeito, “as obras de Deus não são o próprio Deus, como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou” (Allan Kardec, “O Livro dos Espíritos”, Q. 6, *in fine*).

Deus está imanente (presente) em todas as coisas, mas não se confunde com elas, transcende, é distinto delas.

Por todas as suas características supremas, entende-se que Deus é *onisciente* (tudo sabe), *onipotente* (tudo pode) e *onipresente* (está ao mesmo tempo em todos os lugares).

Compreender Deus é impossível, então sintamo-lo, porque Deus é eterno Amor e, como Amor é altruísmo, Deus se dá em Amor a todas as criaturas.

“Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.” — Q. 1 de “O Livro dos Espíritos”. (2)

A IDÉIA DE DEUS

Desde os pródromos da Civilização a idéia da imortalidade é congênita no homem. Todas as concepções religiosas da mais remota antigüidade, se bem que embrionárias e grosseiras em suas exteriorizações, no-la atestam. Entre as raças bárbaras abundaram as idéias terroristas de um Deus, cuja cólera destruidora se abrandaria à custa dos sacrifícios humanos e dos holocaustos de sangue, e, por toda parte, onde os homens primitivos deixaram os vestígios de sua passagem, vê-se o sinal de uma divindade a cuja providência e sabedoria as criaturas entregavam confiadamente os seus destinos.

A CONSCIÊNCIA

Na história de todos os povos, observa-se a tendência religiosa da Humanidade; é que, em toda personalidade existe uma faísca divina — a consciência, que estereotipa em cada espírito a grandeza e a sublimidade de sua origem; no embrião, a princípio rude nas suas menores manifestações, a consciência se vai despindo dos véus de imperfeição e bruteza que a rodeiam, debaixo da influência de muitas vidas do seu ciclo evolutivo, em diferentes círculos de existência, até que atinja a plenitude do aperfeiçoamento psíquico e o conhecimento integral do seu próprio "eu", que, então, se unirá ao centro criador do Universo, no qual se encontram todas as causas reunidas e de onde irradiará o seu poema eterno de sabedoria e de amor.

É a consciência, centelha de luz divina, que faz nascer em cada individualidade a idéia da verdade, relativamente aos problemas espirituais, fazendo-lhe sentir a realidade positiva da vida imortal, atributo de todos os seres da criação. (4)

O PROBLEMA DE AMAR A DEUS

(...) A criatura sempre busca a Deus, por mais atrasada que esteja no caminho do progresso. Busca-o da maneira que sabe e pode buscá-lo. Não terá consciência de que assim procede; mas, nem por isso busca menos a Deus. Se até o busca e procura compreendê-lo o infeliz que o nega, como não há de buscá-lo quem o não nega, porque nunca pensou nEle, por efeito de sua inconsciência? Até as plantas buscam a Deus e o amam. Não buscam a luz, o calor, a umidade? Tudo isso é o melhor para elas; é a garantia de sua vida. Buscando o que lhes convém, buscam o melhor, porque, ainda que inconscientes, amam a esse melhor, e esse melhor, que elas buscam e amam, é Deus. (...)

Deus está, pois, em todas as coisas, em todos os seres. Pode-se agora deixar de compreender que o que há de divino no mais recôndito de cada ser busque a causa donde promanou e se esforce por manifestar-se?

É o que acontece em todos os seres e em todas as coisas. Seres e coisas tendem sempre para maior perfeição, que é buscada procurando uns e outros o melhor, buscando-a os seres racionais no que lhes satisfaz à alma.

E os malvados, os viciosos, os corruptos também buscam a Deus e demonstram amá-lo? Também, respondo. Porém, inconscientemente. Esses não têm a consciência suficientemente desenvolvida para compreenderem bem os fenômenos que com eles próprios se

dão, no decurso de seu desenvolvimento, porque tudo no Cosmos progride, nada permanece estacionário e algum progresso realizam sempre os seres racionais, mesmo atrasados, ainda que o não percebam. O amor não deixa, por conseguinte, de se ir desenvolvendo sem cessar em todos os seres. Até o próprio ódio, a inveja, o ciúme e outros vícios ou defeitos, que se consideram negativos do amor, são manifestação viva deste e, pela sua expressão, sem que o pareça, os seres buscam a Deus, isto é, propendem para lhe facilitar sempre mais elevada manifestação de seu poder e divindade. (...)

A diversidade de graus no desenvolvimento espiritual dos seres é que produz manifestações tão diametralmente opostas de um mesmo sentimento. Começa-se esse desenvolvimento na inconsciência completa; a consciência alvorece depois e vai adquirindo corpo paulatinamente. Porém, no período da inconsciência e no de semiconsciência que lhe segue, vêem-se as coisas e se apreciam os sentimentos de maneira muito diversa do que eles são em realidade. Assim como, segundo a cor do cristal que tem diante dos olhos, é que qualifica os objetos aquele que os contempla, dizendo-os amarelos, azuis ou encarnados, quando não são de nenhuma dessas cores, também é assim que os indivíduos, em sua inconsciência ou em sua semiconsciência, apreciam as coisas e os sentimentos.

Passando da inconsciência à semiconsciência, o ser já se aproxima um pouco da realidade; depois, a semiconsciência conduz à consciência plena e, nesse estado, já se contemplam as coisas e os sentimentos tais quais são. Porém, do ponto de vista em que nos colocamos, também caminham para Deus, nas asas do amor que por Ele sentem, ainda que o não saibam exprimir, os seres inconscientes, do mesmo modo que os conscientes. Se assim não fora, a obra de Deus teria o caráter de parcialidade, o que não é possível, e Ele deixaria de estar imanente em todos os seres e em todas as coisas, o que igualmente é impossível.

Em todos os fenômenos que se observam, intervenha neles ou não o homem, inconsciente ou conscientemente, palpita o hálito de Deus, porque coisa alguma há em que Ele não esteja.

Tudo nEle se move e realiza. Seu Amor em tudo transborda. Levado pelo amor divino, o ser inconsciente agita-se e atua em torno das suas preferências, tanto quanto o que conscientemente desempenha o seu papel na vida. O ser, hoje consciente, foi inconsciente ontem. O inconsciente de agora será o consciente de amanhã. Tudo progride, tudo evolui, ao influxo do amor divino, compreenda-o ou não a criatura humana. (1)

AS LEIS DIVINAS

Juvanir Borges de Souza

A Doutrina Espírita desenvolveu uma idéia de Deus bem diferente e muito distante das idéias contidas no Velho testamento, transmitidas aos cristãos católicos e protestantes.

Na realidade, o Deus dos exércitos, implacável e inflexível, ciumento e vingativo, "o último juiz de nossos atos e apelos", impunha-se pelo temor, embora o reconhecessem bom e amoroso. Esse pensamento a respeito de Deus (Javé, ou Jeová), predominante entre os hebreus, foi herdado pela Igreja de Roma.

É certo que a concepção cristã sobre Deus, sua misericórdia, poder e bondade evoluiu muito. Mas o antropomorfismo atribuído ao Ser Supremo jamais deixou de influenciar o relacionamento da criatura com o Criador.

Qualquer experiência, boa ou má, um acidente ou uma doença, o prazer ou a dor, um benefício material ou uma recompensa espiritual, tudo decorria da interferência direta de Deus, o distribuidor de todas as benesses e castigos, como se a criatura fosse simples objeto de um arbítrio supremo.

Cristãos sinceros, em conseqüência disso, tinham e ainda têm na palavra *temor*, associada à idéia de Deus, um fator sempre presente em suas vidas. Teme-se a morte, esquecendo-se os ensinamentos de Jesus sobre a vida futura, como se teme o silêncio da noite, a obscuridade dos espaços infinitos, a inconsciência do sono natural ou provocado. Tudo é decorrência do temor ao desconhecido.

Ainda como conseqüência de concepções extremadas e inexatas, cada hora da vida, cada fio de cabelo que cai de nossa cabeça estariam sujeitos ao arbítrio agindo como fatalismo. Confundia-se o Supremo Amor com o arbítrio.

Teólogos famosos chegaram a sustentar o privilégio de determinadas criaturas *escolhidas* por Deus, fosse para a santificação, para a manifestação da inteligência fora do comum, ou para o sofrimento injustificado.

Crenças dessa natureza, estimuladas por teses teológicas, conduziam facilmente ao *temor* a Deus, ao invés de ao *amor* ensinado no maior dos mandamentos, ratificado pelo Cristo.

A compreensão humana, finita e pobre, sem uma explicação racional e superior que só a Nova Revelação traria no devido tempo, aceitava os ensinamentos antigos, que correspondiam às necessidades de então, embora conduzindo a verdadeiros absurdos, explicados nesses casos como mistérios impenetráveis pelo homem.

A "vontade de Deus" servia para explicar todo bem e todo mal. As guerras, as catástrofes, as epidemias eram consideradas castigos apropriados a desobediências àquela vontade. Deus era, assim, o criador do bem e do mal.

Uma bênção ou a felicidade de qualquer criatura poderiam decorrer da vontade de Deus, independentemente de qualquer mérito que as justificasse.

Era considerada mera presunção o raciocínio que fizesse resultar uma bênção de uma ação meritória, visto que os homens não tinham condições de entender os desígnios divinos.

Por isso, viver, pensar e agir corretamente perante os semelhantes e ante a própria consciência não dava a ninguém a segurança de livrar-se de futuros sofrimentos, uma vez que Deus se sobrepunha a quaisquer leis ou regras.

Assim, dentro do pensamento antigo, nada mais restava ao religioso senão a obediência temerosa aos ditames da religião, o desenvolvimento de uma fé cega e a esperança de ser agraciado pela salvação, significando esta o alcance do Céu, ou pelo menos a fuga ao inferno, mediante purgações temporárias de faltas cometidas.

No decorrer dos séculos os religiosos compreenderam que Deus não poderia ser vingativo, nem ciumento, nem arbitrário. Era, sim, Deus de amor, de misericórdia e de justiça. Sendo Deus de amor, não deveria ser *temido*, mas amado, como ensinou Jesus.

*

O Consolador fez nova luz sobre as velhas questões que continuamente afloram à mente humana, relativamente ao Criador, suas leis, seus atributos.

Embora indefinível para nossas mentes finitas, as noções que a Doutrina dos Espíritos expressa sobre Deus satisfazem perfeitamente nossa inteligência e nossos sentimentos, no atual estágio evolutivo em que se encontram os homens.

A Revelação dos Espíritos mostra a Divindade como o Criador incriado de um Universo infinito, tanto em sentido material quanto espiritual.

Deus é o Ser de perfeição infinita, que não se confunde com a criação. Ele é causa primária de tudo e não efeito. Nesse caso, todas as teorias das escolas panteístas contrapõem-se à Nova Revelação.

A Inteligência Suprema não só criou os Universos material e espiritual como lhes fixou leis sábias e imutáveis pelas quais se regem, cujo conhecimento explica o funcionamento de toda a Criação.

Tudo o que se compõe harmoniosamente com as leis de Deus, firmando o determinismo divino, constitui o Bem.

O mal não é a criação de Deus, mas dos seres inteligentes, dotados de livre-arbítrio, que contrariam as leis de Deus.

Amar é a lei suprema. Resume todas as outras.

A Justiça integra-se no Amor, sendo dele inseparável. Todas as leis divinas são aspectos particulares de uma unidade que se desdobra para reger as mais diferentes formas da criação, em todas as partes do Universo.

Na Terra não se conhecem senão alguns ângulos da criação divina.

O homem está longe de conhecer a natureza íntima de Deus, toda a extensão de suas leis e de sua criação.

O conhecimento do homem ajusta-se à sua evolução ainda inferior, moral e intelectualmente.

A natureza de Deus, com seus atributos de eternidade, infinidade, imutabilidade, imaterialidade, poder absoluto, amor, justiça e bondade absolutos são somente alguns dos atributos que a inteligência e a razão humanas alcançam e sancionam.

Tudo o que ultrapassa os limites estreitos do conhecimento humano para penetrar o campo infinito, confunde o pensamento e as sensações limitados do homem.

A Doutrina Espírita trouxe esclarecimentos extraordinários à Humanidade, possibilitando-lhe retificar muitos conceitos antigos a respeito da Divindade. Essas retificações são alavancas que muito auxiliam a conquista de novos estágios evolutivos, ainda que não abrangendo toda a realidade transcendente.

Hoje temos melhores condições de entender o sentido da mensagem de Jesus, toda ela exalçando o Amor Soberano como lei suprema do Universo. Deus, no seu infinito poder, é Amor manifestando-se em toda parte.

Podemos igualmente entender melhor o papel da Ciência, que não é o de negar a existência do Criador, como se pretendeu, mas o de tornar possível o conhecimento paulatino das leis que conduzem à realidade da matéria e do Espírito, os dois elementos do Universo.

Melhor compreensão da vida, da relativa liberdade de pensar e agir, somados à revelação de que somos responsáveis por nossos pensamentos e ações, no sentido do bem ou do mal, permite-nos entender perfeitamente por que respondemos sempre pelos atos praticados.

Nesse caso, torna-se lógico, curial, que Deus não age arbitrariamente sobre as criaturas, privilegiando umas e condenando outras. Sua Justiça se manifesta através de suas leis, que fazem de nós mesmos os responsáveis pelos próprios pensamentos e ações e pela suas conseqüências.

Cada um julga a si mesmo. O tribunal é a própria consciência.

Não há, pois, que *temer* a Deus. Seu amor e misericórdia consistem em perdoar sempre, dando oportunidades sucessivas, a cada um, de retificar os desvios.

A lei das reencarnações nos mundos materiais, como a Terra, é uma forma de perdão permanente a todos os que se desviam da lei, oferecendo-se-lhes ensejos de retificação dos erros na mesma existência, ou praticados em outras.

Portanto, ao invés de medo ou temor, cabe-nos desenvolver a fé e a gratidão ao Criador, adorando-o como nosso Pai, que está nos Céus, como nos ensinou Jesus.

Harmonizemo-nos com suas leis divinas, que a Revelação Espírita explicitou na Parte Terceira de "*O Livro dos Espíritos*", tornando mais fácil e compreensível o progresso moral da Humanidade.

Cumprir essas leis é a única e verdadeira forma de conquistar a felicidade. (3)

* * *

BIBLIOGRAFIA

1. AGUAROD, Angel. *Grandes e pequenos problemas*. 5. ed. FEB, 1992, p. 44-45-47-48.
2. BARBOSA, Pedro Franco. *Espiritismo Básico*. 2. ed. 1986. FEB, p. 129-132.
3. SOUZA, Juvanir Borges de. *Reformador*. Rio [de Janeiro]: FEB, Ano 109. Nº 1946, p. 131. Maio 91.
4. XAVIER, Francisco Cândido. *Emmanuel*. 18. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1997. Cap. XV, p. 86.

ANEXO 2

I UNIDADE: DEUS
1º CICLO DE JUVENTUDE
PLANO DE AULA Nº. 1
RECURSO DIDÁTICO

Texto para Estudo

Leia com atenção, e responda as questões abaixo e, em seguida prepare uma dramatização com a narrativa do texto, apresentando-a ao grupo.

DEUS

Conta-se que Santo Agostinho estava muito empenhado em compreender a natureza íntima de Deus, e entregava-se a longas meditações, sem, contudo, chegar a um resultado satisfatório.

Andava, certo dia, pela praia, quando viu um menino nas proximidades do mar, a tirar água de um buraco, utilizando-se de pequena concha.

— Que faz você, meu filho?

— Estou secando este buraco...

E Agostinho, a sorrir:

— Nunca o conseguirá, pois quanto mais água tirar, mais surgirá, e o buraco será cada vez maior. O mar é muito grande e a sua concha muito pequena!...

Nesse instante, com surpresa, observou que o menino transformava-se num anjo, que lhe disse:

— O mesmo acontece em relação à tua pretensão. Quanto maiores as tuas divagações sobre Deus, maiores as tuas perplexidades, pois Deus é muito grande, e a tua cabeça é muito pequena!...

Este episódio demonstra com clareza a impraticabilidade de se pretenderem grandes incursões na definição da Natureza Divina, pois não temos condições para uma visão ampla de Deus.

Mas é evidente que a nossa compreensão se desenvolve paralelamente ao progresso espiritual. Já vão longe aqueles dias em que adorávamos as forças da Natureza, emprestando-lhes atributos divinos. E embora não estejamos inteiramente libertos de concepções antropomórficas, encontramos no Espiritismo a iniciação nos domínios de um conhecimento mais amplo, em que podemos ver em Deus a Consciência Cósmica que criou e sustenta a vida em todas as suas manifestações, concebendo o Universo como a exteriorização do Pensamento Divino.

No capítulo primeiro de "O Livro dos Espíritos" Kardec tece alguns comentários em torno dos atributos do Criador. Diz ele:

"Deus é eterno. Se tivesse tido princípio, teria saído do nada, ou, então, teria sido criado por um ser anterior. É assim que, de degrau em degrau, remontamos ao Infinito e à eternidade. (...)

* * *